



XVII ENANPUR

SÃO PAULO • 2017



A boemia além do consumo

Bohemia beyond consumption

*Késsio Guerreiro Furquim¹, Mestrando no PROPUR-UFRGS,
kessio@gmail.com*

¹ Mestrando em Planejamento Urbano no Programa de Planejamento Urbano e Regional (PROPUR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Desenvolve pesquisa sobre espaços de boemia nas cidades e é integrante do Grupo de Pesquisa Identidade e Território (GPIT/UFRGS). Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (2008-2013).

RESUMO

O trabalho a seguir reflete sobre o acirramento da lógica de consumo na cidade neoliberal contemporânea a partir das atividades de diversão noturna. Defende-se, em um primeiro momento, o uso do termo boemia nos estudos acadêmicos sobre essa dinâmica noturna como forma de ampliar os interesses que, no quadro atual, centram-se em grande parte sobre as potencialidades econômicas associadas com essa diversão noturna. Além disso, defende-se um conceito de boemia como uma prática sócio-cultural associada com um imaginário que evocado ao se fazer uso do termo. Em um segundo momento, opera-se com uma narrativa a fim de demonstrar estratégias e táticas presentes nas práticas boêmias contemporâneas. Com tudo isso, espera-se responder a pergunta desse congresso e apresentar o um caminho possível para o Planejamento Urbano e Regional em todo este contexto.

Palavras Chave: (consumo; diversão noturna; boemia)

ABSTRACT

The following work reflects on the tightening of consumer logic in the contemporary neoliberal city from the nighttime entertainment activities. At first, the use of the term bohemia in academic studies about this nocturnal dynamics is advocated as a way of broadening the interests that, in the present context, are largely centered on the economic differences associated with this nighttime entertainment. In addition, a concept of bohemia is defended as a socio-cultural practice associated with an imaginary that evoked in making use of the term. In a second moment, it operates with a narrative in order to demonstrate strategies and tactics present in the contemporary bohemian practices. With all of this, we hope to answer the question of this congress and present the possible way for Urban and Regional Planning in this context.

Keywords: (consumption, nightlife, bohemia)

O ACIRRAMENTO DO CONSUMO NA CIDADE NEOLIBERAL

Henri Lefebvre, em seu livro seminal *O direito à cidade*, traça uma espécie de linha evolutiva acerca do fenômeno da urbanização. Neste processo, que parte de uma vida agrária e chega à outra em que o próprio campo é absorvido pela cidade, o autor identifica elementos centrais de um processo que ele chama de “socialização da sociedade” (Lefebvre, 2001) e sobre o qual ele dirá:

O que é que foi ‘socializado’? Os signos, ao entregá-los ao consumo: os signos da cidade, do urbano, da vida urbana, bem como os signos da natureza e do campo, os da alegria e da felicidade, sem quem uma prática social efetiva faça com que o ‘urbano’ entre para o cotidiano. A vida urbana só entra na necessidades de marcha à ré, através da pobreza das necessidades sociais da ‘sociedade socializada’, através do consumo cotidiano e de seus próprios signos na publicidade, na moda, no estetismo.

Este panorama apresentado pelo autor serve-nos para introduzir a problemática sobre a qual trata este artigo. Mais precisamente, Lefebvre se detém na análise da lógica produtivista presente na cidade industrial e, a partir disso, demonstra como as atividades urbanas são transformadas em “mercadorias” a serem vendidas e consumidas por seus cidadãos. Cidadãos estes que tem como elemento definidor de suas próprias cidadanias (e subjetividades), sobretudo na atualidade, o fato de serem potenciais consumidores; caso contrário, são sujeitos anônimos esquecidos pelas empresas e pelo Estado. Tudo isso culmina naquilo que diversos autores chamam de sociedade de consumo, conforme resgatado por Barbosa (2004):

(...) para alguns autores, a sociedade de consumo é aquela que pode ser definida por um tipo específico de consumo, o consumo de signo ou commodity sign, como é o caso de Jean Braudrillard em seu livro *A sociedade de consumo*. Para outros a sociedade de consumo englobaria características sociológicas para além do commodity sign, como consumo de massas e para as massas, alta taxa de consumo e de descarte de mercadorias per capita, presença da moda, sociedade de mercado, sentimento permanente de insaciabilidade e o consumidor como um de seus personagens principais.

O que se busca enxergar neste artigo é como existe um processo de acirramento dessa lógica de consumo no modelo da cidade neoliberal contemporânea, mesmo que as palavras de Lefebvre tenham surgido em um contexto no qual o próprio neoliberalismo ainda não tinha o seu Adão e Eva, tomando emprestada a metáfora usada por Sevcenko (2001) para se referir ao papel desempenhado pelo presidente norte-americano Ronald Reagan e a primeira-ministra britânica Margareth Thatcher como porta-vozes dessa visão econômica. Todo esse acirramento é descrito, de maneira mais precisa, por Magalhães (2015) no momento em que ele nos diz que a:

(...) subjetivação exercida no espaço social do neoliberalismo se constrói como uma prática cotidiana real, impregnada e orientada por uma sintonização a sinalizações que partem do Estado, com vistas a criar uma autoconduta individual coerente com a primazia do mercado (‘não há proteção social, prepare-se para se inserir como empreendedor individual’; ‘não há serviços públicos ou estruturas de uso coletivo confiáveis, resolva seus problemas através do mercado’ etc.), fazendo com que os indivíduos incorporem e generalizem os cálculos utilitaristas de custo e benefício ou de risco e retorno, de forma a naturalizá-los em seu comportamento cotidiano. Ou seja, cria-se uma cultura. E esta não se limita ao imagético, imaginado, simbolizado; mas traduz-se em práticas concretas, em um amplo leque de esferas da

sociabilidade, abrangendo, como apontado anteriormente, desde o casamento e a criação dos filhos até o lazer e as relações de amizade.

Este conjunto de reflexões anteriores nos ajuda a compreender como a lógica de consumo assume caráter estratégico, pelos mais variados caminhos, na vivência da cidade neoliberal contemporânea. Evidentemente o consumo é uma estratégia muito mais ampla, relacionada ao próprio processo de subjetivação contemporâneo, conforme apontado por Magalhães acima, e que seria impossível de ser analisado em toda a sua plenitude neste artigo. No entanto, o que se objetiva observar neste trabalho é como as práticas de diversão noturna (boemia) evidenciam o acirramento dessa lógica de consumo, conforme identificado por Van Liempt et al. (2014):

(...) neoliberalisation strategies and cities re-inventing themselves as consumption sites, the NTE (*Night Time Economy, ou em português, Economia da Noite. Complemento meu*) discourse has been widely embraced by policymakers and city marketing officials, not only in the UK but also abroad. The term NTE now tends to refer to the assemblage of bars, clubs, cinemas, theatres and cultural festivals and events at night time which are, in a context of urban entrepreneurialism, supposed to contribute to urban regeneration and local economic growth.

A partir de tudo isso, o presente texto busca pensar caminhos outros, tanto no âmbito dos estudos acadêmicos, quanto também na prática boêmia cotidiana das pessoas, que possam ser vistos como saídas para todo esse acirramento neoliberal. Busca-se identificar “maneiras de fazer” que subvertem essa lógica dominante, valendo-se, portanto, do mesmo pressuposto usado por De Certeau (2014), acerca do qual ele nos diz:

Se é verdade que por toda parte se estende e se precisa a rede de ‘vigilância’, mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela: que procedimentos populares (também ‘minúsculos’ e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los; enfim, ‘maneiras de fazer’ formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou ‘dominados?’), dos processos mudos que organizam a ordenação sociopolítica. Essas ‘maneiras de fazer’ constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural. (...) não se tratar mais de precisar como a violência da ordem se transforma em tecnologia disciplinar, mas de exumar as formas sub-reptícias que são assumidas pela criatividade dispersa, tática e bricoladora dos grupos ou dos indivíduos presos nas redes da ‘vigilância’.

Nesta direção, o trabalho a seguir se dividirá em um primeiro momento no qual se problematizará como diferentes estudos abordam essas práticas de diversão noturna e, através disso, defender o uso do termo boemia como forma de se alcançar o significado de tais práticas para além de seus valores econômicos. Já em um segundo momento, o trabalho seguirá com uma narrativa acerca da vivência em um desses lugares boêmios buscando demonstrar táticas que permeiam a relação das pessoas com as atividades de consumo noturnas. Por fim, algumas conclusões serão buscadas no sentido de aproximar toda a discussão feita com a temática central deste congresso.

BOEMIA COMO PRÁTICA SÓCIO-CULTURAL

A diversão noturna hoje se apresenta invadida por atividades de consumo: bares, restaurantes, truck-food, pubs, boates, etc. configuram formas distintas de estabelecimentos nos quais o consumo de produtos e signos é a atividade principal. Além disso, este consumo mescla-se, de

maneira clara, com outras atividades de entretenimento tais como teatros, cinemas, casas de show e espetáculos, feiras e eventos de rua, entre outras. Evidencia-se, portanto, que o consumo desempenha um importante papel nessas práticas de diversão noturna nas cidades contemporâneas.

Em decorrência disso, muitos estudos na área de planejamento urbano enfocam o potencial econômico dessas atividades. Nesta direção, Hadfield (2014) identifica três grandes fases que englobam os estudos acerca dessa “Economia da Noite” enfocando, principalmente, experiências de países desenvolvidos. Segundo o autor, uma primeira fase dos estudos corresponde na busca por estratégias de vitalidade para áreas centrais durante o período noturno, marcado por um grande esvaziamento em comparação com âmbito diurno. Incorpora-se, a partir disso, o conceito de “Cidade 24h” e debruça-se, sobretudo a partir da realidade do Reino Unido, em políticas de desregulamentação e na criação de centros de concentração de consumo de álcool, favorecendo uma aglomeração espaço-temporal e expulsando usos alternativos. Justamente tais consequências é que serão abordadas, ainda segundo o autor, na segunda fase dos estudos. Neste momento, eles buscarão evidenciar também certa ingenuidade dessas políticas de desregulamentação, bem como o lobby da indústria de álcool neste processo. Por fim, o autor fala de uma terceira fase na qual:

(...) research is now emphasising the exclusionary outcomes that can result from securitisation and gentrification of the NTE; processes that operate both top-down and at street level. Conversely, some of the optimism of the first wave is being revisited in case studies of locations that have been able to avoid, adapt or transform the nonfunctional alco-centric model as a result of cultural immunity or population diversification (Hadfield, 2014).

Todo esse percurso deixa claro como esses aspectos econômicos tem aparecido de maneira dominante nos estudos acerca da dinâmica de diversão noturna. Como forma de se pensar criticamente este cenário, problematizamos como alguns estudos em nossa área se valem de nomenclaturas distintas para referirem-se a essa visão das atividades de diversão noturna a partir do consumo. No caso da realidade Porto Alegre, por exemplo, alguns trabalhos optam por falar em lazer noturno ao invés de boemia. Fonseca (2006) realiza um estudo comparativo de dois pontos de concentração da atividade noturna na cidade: os bairros Moinhos de Vento e Cidade Baixa. Apesar de a autora realizar uma contextualização histórica na qual utiliza o termo boemia é usado como sinônimo de lazer noturno, toda sua investigação concentra-se em estabelecimentos de consumo (bares, mais precisamente) e o trechos urbanos nos quais eles se concentram. A leitura foca-se, em grande parte, em sujeitos classe-média ou com poder aquisitivo superior capaz de consumir tais atividades. Na mesma linha, Reckziegel (2009) realizou démarche semelhante, citando a boemia como um elemento presente no imaginário e na história local, mas focando seu estudo em locais de consumo destinados a usuários de padrão econômico elevado. Além disso, o foco pretendido por esta autora foi sobre as características configuracionais e formais destes espaços de consumo, tornando, novamente, necessária a referência a lazer noturno e não a boemia em si.

De maneira distinta ao usado pelas autoras, o que buscamos aqui é ampliar o uso e significado da palavra boemia para além do seu significado como sinônimo de “lazer/entretenimento noturno”. Acreditamos que tais expressões contribuam para que todo o universo de prática e convívio que permeia a diversão noturna sejam lidos apenas como mais uma forma de mercadoria ou signo, cuidadosamente vendido dentro da lógica contemporânea apresentada anteriormente, e que não incorpora todo o imaginário mais amplo evocado pelo termo boemia, conforme identificado por Seigel (1992):

Não há ação ou gesto capaz de ser identificado como boêmio que não possa também ter sido – ou não ter sido – realizado fora da Boêmia. Roupas extravagantes, cabelos longos, viver o momento, não ter residência fixa, liberdade sexual, entusiasmos políticos radicais, bebida, ingestão de drogas, padrões irregulares de trabalho, hábito de vida noturna – todos eram boêmios ou não, segundo a forma como eram encarados ou assumidos. Boêmios em alguns momentos e não boêmios em outros. Os sinais externos da Boêmia eram importantes, mas nunca foram suficientes para a delimitação de suas fronteiras. Essa incerteza era essencial, adaptando a Boêmia à sua tarefa de testar e provar os limites da vida burguesa, não os aceitando como algo já conferido nem procurando aboli-los.

Defendemos, de maneira mais clara, uma definição do termo boemia como uma forma de vida pública² da noite, relacionada com a diversão das pessoas. É a partir disso que lemos a boemia como uma prática sócio-cultural que incorpora as mais variadas vivências de sujeitos e atividades neste ambiente noturno, bem como agrega também todo um imaginário mais amplo evocado no ato de se falar/pensar em boemia e não em lazer/entretenimento noturno. Além disso, por meio dessa palavra-miríade, boemia, buscamos incorporar práticas e sujeitos excluídos da lógica de consumo, pressuposto este fundamental numa perspectiva de se pensar a noite como um ambiente para a construção e prática de alteridades na sociedade atual.

Com vistas a consolidar essa defesa do termo, é tarefa essencial observarmos como ele aparece em variados estudos urbanos. Isso nos permite reconfigurar o campo de debates na área e, mais precisamente, avaliar quais os significados são mais pertinentes ao nosso objetivo de pensar um termo que não se limite a uma lógica de produção e consumo.

Nesta direção, um dos primeiros trabalhos que exploramos é o do norte-americano Richard Florida, mais especificamente seu livro *A ascensão da classe criativa* (2011). Nele, o autor defende que as “(...) profundas e duradouras transformações da nossa era não são tecnológicas, mas sociais e culturais” (Florida, 2011), desenvolvendo o argumento de que vivemos uma valorização da criatividade e expansão de uma classe criativa³. Não desejando entrar propriamente em toda a discussão feita pelo autor, o que nos interessa no seu trabalho é a referência que ele faz à boemia, através daquilo que ele denominou “Índice Boêmio”, o qual:

(...) se baseia no número de escritores, designers, músicos, atores, diretores, pintores, escultores, fotógrafos e dançarinos. (...) o Índice Boêmio é um forte previsor de diversos fatores como a concentração de empresas de alta tecnologia, o crescimento populacional e a elevação das taxas de emprego (...) esse índice também é ótimo previsor do crescimento regional tanto em termos populacionais quanto empregatícios. (...) Isso corrobora a ideia de que lugares com um ambiente cultural e artístico próspero são mais propensos a gerar frutos econômicos criativos e crescimento econômico generalizado.

2 “Vida pública” implica na relação “entre pessoas que não estão unidas por laços de família ou de associação íntima: é o vínculo de uma multidão, de um povo, de uma sociedade organizada, mais do que um vínculo de família ou de amizade” (Sennett, 1988, p. 16). Utiliza-se esta expressão aqui como forma de ressaltar a alteridade deste convívio boêmio, sem querer, entretanto, excluir formas de convívios pessoais.

3 O autor usa essa denominação em substituição às formas classe trabalhadora e classe de serviços, que seriam, segundo ele, expressões de outros momentos do capitalismo. Além disso, ele define essa nova classe como formada por “(...) indivíduos das ciências, das engenharias, da arquitetura e do design, da educação, das artes plásticas, da música e do entretenimento, cuja função econômica é criar novas ideias, novas tecnologias e/ou novos conteúdos criativos. Além desse centro, a classe criativa também abrange um grupo mais amplo de profissionais criativos que trabalham com negócios e finanças, leis, saúde e outras áreas afins” (Florida, 2011).

O autor opta por falar em boemia, pois acredita que nesta sociedade criativa esteja ocorrendo uma mudança na relação que estabelecemos com o trabalho: de uma ética protestante, para outra boêmia. A primeira, estudada no clássico do sociólogo alemão Max Weber⁴, se pautaria em servir aos outros, enquanto a segunda seria mais hedonista, na qual o valor se concentra no prazer e felicidade individual. Fala, ainda, de diferentes momentos dessa boemia, tanto da subcultura de Paris no início do século XX, quanto da Geração Beat ou dos sobreviventes de Woodstock. Ressalta como muitas dessas expressões ligavam-se a formas contestadoras do sistema, conforme trecho a seguir:

Muitos dos chamados radicais dos anos 1960, bem como os boêmios que os antecederam, consideravam o sistema capitalista vigente opressivo e embrutecedor, não importava para que lado pendesse a balança do poder. Eles acreditavam que a felicidade e o bem-estar do indivíduo deveriam ser a meta principal tanto do trabalho quanto dos produtos do trabalho – e não o efeito de uma Mão Invisível em ação (Idem, p. 204).

Por fim, o autor acredita que nesse ambiente boêmio existe abertura e apoio aos “criativos, diferentes e esquisitões”, tornando-se por isso uma forma condizente para prever onde se concentram os setores de maior tecnologia na sociedade criativa. No entanto, apesar das correlações entre o índice criado pelo autor e as regiões estudadas por ele mostrarem que aquelas com maior concentração de alta tecnologia e desenvolvimento econômico são também as que apresentam maiores valores do índice, acreditamos que a leitura da boemia por meio desse número é bastante limitada. Ressalta, uma vez mais, o seu viés econômico, mas não nos satisfaz falar de boemia apenas através da concentração dos indivíduos que compõem este índice boêmio. Do trabalho de Florida nos interessa, de maneira mais precisa, a discussão que ele faz acerca desse ambiente e ética boêmios. Justamente nesta parte do seu estudo a boemia aparece como uma forma de prática sócio-cultural, que nos interessa aqui, mas que se perde quando o foco passa a ser o chamado índice boêmio. Além disso, Brabazon (2014) acrescenta a seguinte crítica:

Bohemia as an ideology is larger, wider and more complex than Richard Florida's 'Bohemian Index'. There are particular attributes that enable the creative industries, but radical politics, dissent and activism against particular models of modernity and capitalism are not as relevant to his modeling of economic development.

Apesar de tudo isso, o estudo de Florida nos mostra também que o signo da boemia é um importante elemento de valorização de espaços urbanos, dentro da ordem econômica atual. Neste mesmo sentido, Lloyd (2002) fala em seu trabalho em “neo-bohemia” a qual:

(...) suggests that traditions intersect with economic development in new ways in the post-Fordist city. Neo-bohemia supports both residential gentrification and the concentration of the entertainment and new media enterprises (...).

Ao falar em gentrificação, Lloyd nos permite entrar numa discussão maior em nosso campo. Acerca dela, Bidou-Zachariasen (2006) nos diz:

O termo gentrification foi utilizado pela primeira vez por Ruth Glass, no início dos anos sessenta para descrever o processo mediante o qual famílias de classe média haviam povoado antigos bairros desvalorizados do centro de Londres, ao invés de se instalarem em subúrbios residenciais (...). Por essa

4 WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. O texto original é de 1921.

noção a autora compreendia, ao mesmo tempo, a transformação da composição social dos residentes de certos bairros centrais, por meio da substituição de camadas populares por camadas médias assalariadas; e um processo diferente: o de investimento, reabilitação e apropriação, por estas camadas sociais, de um estoque de moradias e de bairros operários ou populares.

A vinculação desse processo com a boemia aparece melhor expressa nos estudos de Jean-Yves Authier acerca da gentrificação que ocorre no bairro Saint-Georges em Lyon, França. De acordo Bidou-Zachariassen (2006), o autor descreve:

Nos anos setenta, um começo de renovação da população se inicia com a chegada de novas camadas sociais, estudantes, casais jovens de diferentes meio, classes médias instruídas, todos atraídos pela centralidade do bairro e seu caráter de convívio um tanto 'boêmio'.

O que é interessante observar é como o papel da boemia enquanto um signo associado a um bairro de Lyon foi elemento-chave para sua transformação, resultando no processo de gentrificação abordado pela autora. Mas, além disso, a boemia nestas regiões e neste processo de gentrificação não é apenas signo, mas compreende também um conjunto de práticas desses boêmios, tal como observa de maneira precisa Lloyd (2002):

Bohemians may self-select into poor and working class neighborhoods; however, their dispositions are decidedly cosmopolitan. Moreover, they are quite creative in re-imagining the spaces they occupy, often adding significant value by their presence. Despite limited economic means, artists are resourceful urban dwellers. In the past, bohemians in the city may have occupied a marginal space with relation to the mainstream operations of capital acquisition; however, it has always been a kind of privileged marginality. In contemporary Chicago, this condition, supported by the ideology of bohemian self-sacrifice, makes the artistic population available as flexible labor for local enterprises that range from entertainment provision to design subcontracting.

Nesta direção, a boemia emerge para nós como um fenômeno social que não foge de uma tradução espacial hierarquizada. De maneira mais clara, nossa percepção avança no entendimento da gentrificação associada à boemia através daquilo que Bidou-Zachariassen (2006) descreve sobre os estudos realizados por Mathieu van Criekinger sobre o processo de gentrificação em Bruxelas, Bélgica:

Ele notou que, paralelamente ao processo em curso de gentrificação residencial (que ele qualifica de marginal, porque ainda limitado), se implementava uma espécie de gentrificação em termos de consumo e convívio, por meio da multiplicação de butiques, restaurantes cafés 'da moda', espaços frequentados tanto pelos residentes como pela população de outros bairros e turistas, mas pertencentes às mesmas classes sociais, isto é, às classes médias altas.

De modo claro, percebemos que muitos dos espaços boêmios se configuram como espaços de consumo não apenas hoje, mas desde os famosos cafés e cabarés franceses do século XIX (Seigel, 1992). Essa forma de gentrificação de consumo, identificado pelo autor no trecho acima e dentro do nosso entendimento aqui, valoriza a boemia mais como signo/marca do que como prática sócio-cultural, tal como observa Brabazon (2014): "Bohemian creates an attractive city of coffee and conversation. It is marketable and manageable". Em outras palavras, a boemia vista desse

modo serve para fins de “vender” determinados espaços urbanos, ao invés de ser lida como uma prática sociocultural, como uma vida pública da noite. Por fim, Brabazon (2014) comenta aspectos semelhantes de todo esse processo em um dos principais redutos boêmios de São Francisco, North Beach. Ela diz:

A branded city through bohemia situates the streets, buildings and citizens into a semiotic system that market dissent, play, resistance and quirky capitalism. It is much less tethered to activism and political action. Instead, it is self-referential, creating markings and signs on trains, bus shelters and public buildings. The surfaces of the landscape transform, creating an old relationship between the lived experience of a city and the branded aspiration for tourists.

Aquilo que é descrito pela autora remete-nos, uma vez mais, para a boemia enquanto um signo que se assemelha, de forma muito clara, com o que nos diz Lefebvre (2001) a seguir:

A fetichização da relação formal ‘significante-significado’ comporta inconvenientes mais graves. Ela aceita passivamente a ideologia do consumo dirigido. Ou, antes, ela contribui para tanto. Na ideologia do consumo e no consumo ‘real’ (entre aspas), o consumo de signos desempenha um papel cada vez maior. Este consumo não suprime o consumo de espetáculos ‘puros’, sem atividade, sem participação, sem obra nem produto. Acrescenta-se e se sobrepõe a este como uma sobredeterminação. E assim que a publicidade para os bens de consumo se torna no principal bem de consumo ela tende a incorporar a arte, a literatura, a poesia e a suplantá-las ao utilizá-las como retóricas

A partir disso que Lefebvre nos diz é possível avançarmos na discussão e, uma vez mais, constatarmos que a boemia evidencia o processo descrito pelo autor, o qual se acirra na lógica de consumo da cidade neoliberal contemporânea. Por meio da discussão apresentada sobre gentrificação de consumo é possível, por exemplo, explorar algo que atualmente é mais conhecido como o fenômeno da “gourmetização”, que, por sua vez, consiste em uma forma clara de gentrificar o consumo por vias semelhantes a essa fetichização significante-significado apontada no trecho acima.

Apesar de tudo isso, a relação entre boemia e cidade se dá por muitos outros aspectos, sendo bastante limitante pensá-la apenas por esse viés. Diante disso, sentimos a necessidade de abordá-la como prática social que é bastante diversa, mesmo dentro dessa lógica de consumo. Vemo-nos em posição semelhante a Shaw (2013) ao observar que muitos dos estudos acerca da noite urbana se limitam numa abordagem de caráter econômico, ligadas ao consumo de álcool e à indústria do lazer. A fim de superar tal questão ele desenvolve o conceito de atmosfera afetiva da noite, buscando evidenciar os seus elementos não econômicos.

O quadro posto até este ponto evidencia a ordem dominante, a estratégia como nos diz De Certeau (2014):

Chamo de ‘estratégia’ o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir de um momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ‘ambiente’. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com um exterioridade distinta. A nacionalidade política, econômica ou científica foi construída segundo esse modelo estratégico.

De maneira mais precisa, o que De Certeau constrói é um modelo de análise que não busca excluir a ordem dominante por meio de algum ideal de revolucionário. Seu pressuposto, conforme

apresentado na primeira parte do texto, é de acreditar que existe em meio a essa ordem (econômica, política, científica) práticas que a furam, algo que ele denomina de táticas no trecho a seguir:

Denomino, ao contrário, 'tática' um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o outro. (...) O 'próprio' é uma vitória do lugar sobre o tempo. Ao contrário, pelo fato de seu não lugar, a tática depende do tempo, vigiando para 'captar no voo' possibilidades de ganho. O que ela ganha, não o guarda. Tem que constantemente jogar com os acontecimentos para os transformar em 'ocasiões' (De Certeau, 2014).

A resposta que procuramos dar a pergunta que nos faz este congresso, "Quais os caminhos para o planejamento urbano?", perpassa, até este ponto, por reconhecer, em meio ao debate acadêmico, a maneira como a diversão noturna aparece nos estudos urbanos. A partir disso, conseguimos observar diferentes abordagens do tema e precisar melhor aquelas nas quais aspectos de uma prática sócio-cultural emergem. Pensar o contexto da diversão noturna hoje por meio deste conceito de boemia é a forma que defendemos para descortinar um campo mais amplo para os estudos do que apenas aqueles centrados em leituras econômicas. Permite que se fale não apenas disso, mas também da vivência de espaços e sujeitos que permeiam essa vida pública da noite e todo um imaginário cultural envolvido.

Como uma etapa seguinte, a fim de concluir um raciocínio usando "as lentes" emprestadas por De Certeau (estratégia-tática), necessitamos evidenciar as táticas que se operam na prática sócio-cultural da boemia. Esta é, portanto, a tarefa que nos propomos a fazer a seguir: narrar aquilo que diferentes boêmios dessa noite realizam para "furar" uma estratégia que estimula um consumo cada vez maior. O texto é escrito a partir de dados da vivência em um trecho do bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre, conhecido como um dos principais pontos boêmios da capital gaúcha.

ESTRATÉGIA E TÁTICA NA BOEMIA

JOÃO ALFREDO, PORTO ALEGRE, 2016.

Dentro. Rua. Entre eles uma clara fronteira. Assim começa essa história. Nem um, nem outra, existe sozinho: a rua depende do dentro, o dentro da rua. Começaremos falando sobre isso, sobre posições, sobre corpos.

Uns de carro, outros de ônibus, alguns moram perto, outros chegam de bike. No começo da noite éramos cinco; até então sabíamos dizer quantos éramos. Havíamos combinado de chegar cedo naquele dia, já que para alguns amigos era possível entrar apenas se pagássemos mais barato. O preço da entrada torna-se a primeira manifestação dessa estratégia que é o consumo. No entanto, temos a opção de nos armar de algumas táticas-estratégicas a fim de pagar um valor menor na entrada, a qual chega a custar, a depender da noite, da hora, da atração, da disputa na fila..., até uns 30-40 reais. Público jovem, muitos universitários... nem todos conseguem pagar isso! O jeito é chegar mais cedo, é confirmar presença na página do evento no Facebook, é falar com algum amigo ou conhecido que trabalha ali, é ir com amigos que estão fazendo aniversário e que tem direito a lista de convidados. A estes existem algumas opções: estratégias do lugar que captam (ou criam?) nossas táticas: táticas-estratégicas com fins de atrair um público maior.

Mas existem também aqueles que não, que não tem opção alguma para entrar. Para eles essa fronteira é mais cruel, pesada, real: separa-lhes dos potenciais consumidores. Moradores de rua, catadores de lixo, entre outros, não possuem a possibilidade da tática. Só podem conviver com o fato de que lá dentro eles não podem entrar. Dividem a rua, espaço tático por excelência, com flanelinhas, carroceiros, trabalhadores, carros padrão, carros de luxo, ciclistas, museu, restaurante, moradores, boêmios. O estar fora é um exercício mais amplo de alteridade comparado à experiência do estar dentro.

Em frente às fachadas de janelas bloqueadas é que toda uma aglomeração se forma. Corpos se espremem em diferentes densidades ao longo da noite: em alguns momentos, quase sempre antes da hora que se paga um valor mais barato para entrar, sensação de pequeno espaço, densamente preenchido. Em outros, dias de começo de semana em sua maioria, amplidão e pouca gente. Nas fachadas outra estratégia: elas são as sobrevivências de outro tempo, tempo no qual porta e janela era esquema de fachada para modestas casas coloniais, de brasil-colônia (com b minúsculo); tempo de escravos, tempo de Ilhota e tantas outras colônias de negros, fugitivos, cativos, excluídos... De uma fachada na qual o abrir-se para rua era o ponto forte, essas casas agora tem que ser vedadas para que não lhes escape sons.

Éramos cinco... e agora, quantos somos? Somos a soma daquilo com que chegamos ali mais aqueles (des)conhecidos que se tornam nossos sinceros amigos durante os breves (às vezes, intermináveis) instantes em que ficamos em pé na fila, na rua. A fila já um evento em si e os corpos não apenas esperam. Muitos se divertem, seja conversando com os amigos, seja tomando os últimos goles da bebida comprada antes. Portanto, somos um número aí, pouco definido, que vai se alterando ao longo da noite.

E como poderia esquecer-me dos outros? Há aqueles vieram ali para entrar em nenhum bar, pub ou qualquer outro estabelecimento a não ser para comprar uma cerveja, cigarro ou ir ao banheiro. No mais, querem ficar na rua, curtir o clima de verão que se aproxima; curtir as noites nas quais o ficar na rua torna-se agradável, desejável ou, até mesmo, necessário. Caso o leitor não compreenda, experimente o verão de Porto Alegre e saberá o que são essas noites urgentes.

Urgência, urgência. Para muitos a urgência de estar ali é outra. Querem ver, ser visto, trocar olhares e muito mais. Há, até mesmo, aqueles para os quais a urgência é da ordem de simplesmente querer estar em um lugar com mais gente, de matar um pouco essa solidão tão companheira nesses nossos tempos.

Estamos na frente do bar, estamos na fila do pub, estamos numa roda de amigos, estamos por entre a multidão a desviar com o passo apertado rumo ao banheiro. Podemos estar nesses lugares todos, não temos que entrar ou sair. Temos que vagar, apenas vagar. Somos boêmios... será que somos mais legítimos do que aqueles que optam por ficar na fila e entrar num desses estabelecimentos? Mas o que importa ser legítimo? Não vamos confundir as coisas. Boêmios são todos, apenas uns são mais duros de grana, outros não.

Urgência, urgência. Chegou a hora! Vamos ou não vamos entrar - pergunta um entre nós. Do lado de lá, outro grita: Vou comprar a última antes da gente entrar! E corre para um vendedor ambulante próximo. Neste tempo, os fumantes aproveitam também, enquanto alguns outros se intranquilizam com a hora e gritam: vamos gente, vamos entrar logo, porque se não eu não vou! Não quero pagar mais caro, se apressem! E todos vão se movimentando. Naquela noite queríamos conhecer o novo pub, o pub de que todos falam e que tem sua decoração e cardápio inspirados

nos filmes de um famoso diretor de Hollywood. Estratégia disneyficante para tornar o estabelecimento “único”.

A galera não se resolve e o tempo segue.

Entrar?

Cada vez mais vamos ficando distante da entrada, da hostess, do segurança da porta. Uns nem se preocupam com isso quanto fumam um cigarro e bebem outra cerveja... Já outros querem entrar e não abrem mão disso. E neste cenário se forma uma tensão: dois grupos de quererem diverso, unidos pelo querer único de não dividir a galera, de se manter juntos naquela noite. E é por causa desse querer estar juntos que se inicia uma deliberação geral

Vamos ficar por aqui pessoal, já vimos todo mundo que entrou. Ao que outro emenda: e daí, podemos gastar o dinheiro da entrada com mais bebida e até conversar melhor entre a gente, sem todo aquele som...

Os argumentos para entrar também são ditos: viemos aqui com a promessa de que entraríamos! E outro diz: e tô a fim de entrar pra encontrar uma pessoa que estava na fila...

E seguimos assim por alguns minutos. Mas os argumentos se esgotam, os corpos se esgotam.

Silêncio.

Alguém grita: vou ali comprar a próxima cerveja!

EM BUSCA DE UMA RESPOSTA

O presente trabalho buscou refletir sobre as práticas boêmias e as subjetividades contemporâneas que povoam as noites e os estudos urbanos. Nesta direção, iniciamos traçando o contexto da cidade neoliberal contemporânea e defendendo a ideia de que ela é marcada pelo acirramento da atividade de consumo. Para isso, optamos por trabalhar com o paradigma usado por De Certeau no qual o consumo não é visto como atividade passiva, mas sim marcada por uma atuação ativa pelo lado dos consumidores que manipulam taticamente essa ordem estratégica.

No contexto de desenvolvimento, crise e resistência que o congresso nos apresenta, buscamos elaborar nossa resposta para a pergunta central do evento: Quais os caminhos do planejamento urbano e regional? Articulando essa discussão macro com observações específicas para o caso da diversão noturna, defendemos o uso do termo boemia como forma de que os estudos contemplem aspectos mais abrangentes dessa diversão noturna, além de seu viés econômico. Nessa direção, acreditamos que o termo boemia permite falar tanto de uma prática sócio-cultural, quanto também de atividades de consumo e entretenimentos. É resgatar uma relação que Seigel (1992) observa no caso da Paris boêmia do século XIX:

Para muitos franceses durante a Terceira República, a menção da Boêmia teria evocado uma imagem dos cafés e cabarés de Montmartre. (...) Mas havia algo novo sobre os estabelecimentos de Montmartre conhecidos como antros boêmios nas décadas de 1880 e 1890, começando pelo Chat Noir (Gato Preto), de Rodolphe Salis. Estes eram locais públicos de diversão e os boêmios lá encontrados estavam reunidos não para isolarem do mundo exterior cotidiano, mas para atrair e entreter uma clientela que era bastante respirável

e burguesia. (...) uma nova espécie de simbiose entre la Bohème e a burguesia, a existência de um público amplo buscando um sabor de Boêmia.

Por fim, operamos por meio de uma narrativa das práticas boêmias a fim de demonstrar diferentes aspectos da subjetividade das noites urbanas contemporâneas. Neste momento, buscamos evidenciar aspectos estratégicos e táticos presentes nessa vivência a fim de mostrar que um caminho possível para o planejamento urbano é não esperar a superação da lógica de consumo, mas sim buscar identificar as táticas que a furam. Há um amplo universo na boemia além do consumo.

A partir disso, realizamos uma revisão em alguns estudos da área a fim de demonstrar como as práticas boêmias são estudadas, em sua esmagadora maioria, por um viés muito próximo da estratégia de consumo, realçando-se apenas os elementos dessa prática que possuem potencial econômico. Diante disso, defendemos o uso termo boemia como uma forma de invocar não apenas um caráter econômico dessas práticas, como também todo um imaginário mais amplo que fica ausente em expressões como lazer/entretenimento noturno.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Livia. **Sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- BIDOU-ZAHARIASEN, C. **De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos**. São Paulo: Annablume, 2006.
- BRABAZON, Tara. When Bohemia Becomes a Business: City Lights, Columbus Avenue and a Future for San Francisco. In: BRABAZON, Tara; MALLINDER, Stephen. **City Imaging: Regeneration, Renewal and Decay**. Dordrecht: Springer Netherlands, 2014. (GeoJournal Library). Disponível em: <<http://link.springer.com/10.1007/978-94-007-7235-9>>.
- DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**, vol. I – Artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1996.
- FLORIDA, Richard L. **A ascensão da classe criativa**. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- FONSECA, Luciana Marson. **Dois rumos na noite de Porto Alegre: Dinâmica socioespacial e lazer noturno nos bairros Cidade Baixa e Moinhos de Vento**. 2006. 214 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Programa de pós-graduação em planejamento urbano e regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul [Porto Alegre], 2006.
- FRYDBERG, M. **Lupi, se caso você chegasse: um estudo antropológico das narrativas sobre Lupicínio Rodrigues**. 2007. 175 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Programa de pós-graduação em antropologia social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul [Porto Alegre], 2007.
- HADFIELD, Phil. The night-time city: Four modes of exclusion : Reflections on the Urban Studies special collection. *Urban Studies*, v. 52, n. 3, p. 606–616, 2015.
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- LLOYD, Richard. Neo-bohemia: art and neighborhood redevelopment in Chicago. *Journal of urban affairs*. v. 24, n. 5, p. 517-532, 2002.

MAGALHÃES, Felipe N. C. A dimensão simbólica na cidade neoliberal: Notas sobre a construção de subjetividades na produção social do espaço do neoliberalismo. In: **Revista Brasileira de estudos Urbanos e Regionais**. V. 17, N. 1, p. 11-22, 2015.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SEVCENCKO, N. **A corrida para o século XXI**: no loop da montanha russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SHAW, Robert. Beyond night-time economy: Affective atmospheres of the urban night. **Geoforum**, v. 51, p. 87–95, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.geoforum.2013.10.00>>.

VAN LIEMPT, Ilse; AALST, Irina Van; SCHWANEN, Tim. Introduction : Geographies of the urban night. . *Urban Studies* , v. 52, n. 3, p. 407–421, 2015. SEIGEL, J. **Paris boemia**: Cultura, política e os limites da vida burguesa 1830-1930. Porto Alegre: L&PM, 1992.